

Adultos do amanhã

O FUTURO COMEÇA AGORA

A fim de preparar os jovens para o amanhã, é preciso antes de tudo considerar a adolescência como tema de estudo, suas características biológicas e psicossociais, mas também o que ela contém de dilemas e incertezas, expectativas e sonhos

Por Claudemir Belintane, *educador*

Revista Mente-Cérebro/Coleção O Olhar Adolescente. No. 4. São Paulo: Duetto Editorial, s/d [pp. 94-98]

Uma das questões humanas mais intrigantes é o tratamento que a memória dá às fases da vida. Quando se solicita a um adulto que fale sobre sua infância ou juventude, em geral temos como resultado um recorte muito parcial do que se viveu, do que se experimentou durante essas fases. Mesmo os especialistas que se dedicam ao estudo da adolescência não fazem outra coisa senão recortar o tema por meio do instrumental teórico de que dispõem no momento – e nesse recorte utilizam muito pouco de sua experiência pessoal.

Diante dessa dificuldade de apreensão da adolescência, cabe aqui uma reflexão: se somos traídos pela memória, se as abordagens dos especialistas constituem um caleidoscópio complexo, como utilizar o conhecimento para lidar profissionalmente, ou mesmo no âmbito da família, com os jovens de hoje? Como a educação, tanto a familiar como a escolar, poderia encarar o problema? Seria essa missão mais uma a ser

alinhada aos três campos das missões impossíveis mencionados por Freud (a psicanálise, a educação e a política)?

Boa parte dos intérpretes atuais de Freud costuma considerar esse “impossível freudiano” como um reconhecimento explícito de nossos limites e dos limites do próprio conhecimento. Essa capitulação de Freud tornou-se uma referência para nos situar ante os avanços da ciência e da tecnologia, quando estes se impõem de modo prepotente sobre outros saberes para não correremos o risco de submeter a nós mesmos, a nossos corpos e conhecimentos as técnicas resultantes de discursos dominantes. Aplicando o mesmo princípio ao tema da adolescência, poderíamos tomar como referência o seguinte alerta: se tudo soubéssemos sobre ela, com certeza seríamos tentados a enquadrar milhões de jovens a um desastroso conjunto de prescrições e condutas, a infalíveis tratamentos psicológicos, médicos ou psiquiátricos – técnicas do tipo “laranjas mecânicas”, que estão sempre a assombrar as lides do conhecimento tecnocientífico.

A idéia de que lidamos com o impossível, de que não abarcamos a totalidade do nosso objeto, que nossa memória é precária pode nos levar a um jogo interessante – em vez de apostar na certeza, passamos a fazer uso do vacilo, dos avanços e recuos; em vez de ter na mão a explicação definitiva, é mais interessante assumir a idéia de que há um sentido sempre precário e instigante a ser construído. Diante dessas reflexões, uma certeza se torna evidente: continuar pesquisando e estudando é a forma de bordejar o tema da adolescência, em suas várias vertentes (neurofisiológica, psíquica, cognitiva e social), e enredá-lo em sentidos cada vez mais interessantes.

Construção de sentidos

Tendo em vista esse jogo dialético, proponho trazer algumas reflexões que possam servir como referências interessantes a educadores e

pais no contexto do ensino. Essas precauções com a provisoriedade do conhecimento são um antídoto contra a nossa excessiva vontade de equacionar tudo e todos em nossas redes de lógica e poder. Mover-se entre textos, construir e reconstruir sentidos é uma forma de buscarmos também a nossa adolescência perdida nos entretextos oriundos da adolescência alheia.

[entra boxe1]

A antropologia, por exemplo, estudando os rituais de passagem da infância para a puberdade (ou adolescência) em diversas culturas, permite um confronto interessante entre a nossa visão da adolescência e a de outros povos. Nesses rituais podemos perceber que as sociedades recobrem o corpo biológico com linguagens, com práticas ritualísticas – fenômeno que também está presente em nossa cultura. Ao confrontar nossa adolescência com a de outros povos, deslocamos um pouco mais nossas certezas e até mesmo nossos preconceitos e, talvez, sejamos incitados a perceber quais rituais recobrem nossos corpos e quais conflitos desencadeiam.

Do mesmo modo, a história nos permite uma reflexão interessante sobre a adolescência. Para o educador que quer recobrir essa fase com a precária memória de seu tempo, ou apenas com as certezas biológicas, estudar, por exemplo, como, nas diversas classes sociais e épocas, os adultos foram criando funções e lugares para os adolescentes, pode lhe permitir uma compreensão mais refinada da própria adolescência e, conseqüentemente, da de seus filhos e alunos.

Até mesmo fenômenos aparentemente bem concretos, como os que orbitam a alimentação na adolescência (anorexia e bulimia), constituem temas que podem ir além da abordagem médica. É muito importante que o próprio adolescente compreenda – não apenas na forma de campanha – as construções que as diversas ciências fazem em torno desses fenômenos que afetam a sua geração. Algumas perguntas seriam muito bem-vindas: a

anorexia e a bulimia são exclusivas da nossa geração, ou existiram no passado? Outras culturas também sofrem com elas? O modo de vida contemporâneo, os apelos consumistas, a assunção de modelos corporais idealizados, a reificação dos valores e sentimentos teriam a ver com a generalização desses fenômenos em nossos dias?

Assuntos polêmicos

Em algumas escolas já se pode observar que alguns temas polêmicos, como, por exemplo, o das tribos urbanas, sobretudo as mais violentas, já estão presentes em feiras de ciências, e isso é muito bom. Como professor universitário, concedi entrevistas a alunos do ensino básico que pesquisavam sobre as motivações que levam um adolescente a se tornar membro de uma gangue violenta. Também já enfrentei com um outro grupo de estudantes do ensino médio o desafio de saber se o computador e a internet, com seus jogos e suas propostas de convivência *on-line*, poderiam ser uma forma dominadora de dependência psíquica.

A drogadição também tem sido um dos temas tabu que cercam a puberdade e a adolescência; as escolas tratam o adolescente a partir de algumas palestras com especialistas, mas sem a coragem de assimilar o tema a seus conteúdos habituais. Parece que os educadores e os próprios pais temem que a abordagem do tema suscite ainda mais o gosto pelo assunto e conseqüentemente pelo próprio objeto, as drogas em si. Talvez desconheçam que o tema é bem mais amplo; inclui não apenas os aspectos bioquímicos da dependência, mas também os costumes, a qualidade de vida, a falta de sentido e as ofertas de felicidade que a própria máquina consumista dissemina – mapas e trajes psicossociais que de fato dão substância ao cotidiano de cada sujeito.

Nesses casos, é preciso ter em mente uma velha crítica freudiana, posta no livro *O mal-estar na civilização*, que ironiza cruelmente o viés

moralista com que adultos tentam retirar ou apaziguar temas polêmicos do ensino: “Ao encaminhar os jovens para a vida com essa falsa orientação psicológica, a educação se comporta como se devesse equipar pessoas que partem para uma expedição ao pólo norte com trajes de verão e mapas dos lagos italianos”.

Pautas emergentes

Sabemos que não é fácil transformar esses novos temas em conhecimentos escolares, embora já tenhamos razões para concluir que as melhores portas de entrada podem ser as chamadas feiras de ciências. Na Feira Brasileira de Ciências e Engenharia – Febrace 2007, organizada pela Escola Politécnica da USP, evento centralizador que recebe os trabalhos finalistas das escolas de ensino básico do país, constatamos muitas ousadias que estão bem além de falsas proteções. É o caso de temas como violência contra a mulher, adolescência e violência na escola (*bullying*), televisão no imaginário infantil, pedofilia, pirataria e muitos outros que, em geral, não fazem parte dos tradicionais conteúdos escolares. Entretanto, são assuntos emergentes do cotidiano do jovem contemporâneo, os quais estimulam em direção a uma ética, cuja formulação resulta não mais da fala de um especialista portador de uma verdade, mas de uma pluralidade de focos que a ciência contemporânea permite.

Para concluir, reafirmo a crença na possibilidade de a educação reconhecer que os diversos fenômenos que afetam diretamente os adolescentes de hoje também os incitam à pesquisa, à busca da rede de sentido que as ciências entretecem sobre seus corpos e comportamentos. Como essa diversidade temática vem sendo hoje abordada de forma bem ampla pelas mais diversas ciências, é possível romper com o modelo do especialista de renome (em geral, médico ou psicólogo reconhecidos pela mídia) e apostar na pluralidade de temas que os próprios adolescentes

podem enfrentar como pesquisadores a fim de se prepararem para o amanhã.

[boxe1: Educação sexual

Abordagens transdisciplinares na escola favorecem a reflexão de temas tão amplos como a sexualidade e fases do desenvolvimento humano

Alguns temas se tornaram tabus na história do ensino básico, como as fases da vida. Não é difícil encontrar nas escolas as ilustrações que mostram o crescimento biológico do homem, as fases que vão do útero à velhice. A visão orgânica do corpo acaba se impondo como única verdade digna de figurar nos programas escolares com mais permanência. Claro que esses estudos são interessantes e importantes, mas isoladamente, o corpo destituído da vida social, da animação do desejo, enfim, de tudo que faz pulsar a vida, nada diz ao corpo vivo do adolescente ou mesmo da criança.

De vez em quando, os meios de comunicação e também certos setores da educação se alvoroçam com a idéia de trazer para o ensino básico a “educação sexual”, tendo em vista, quase sempre, finalidades muito precisas: evitar a gravidez precoce e as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)/Aids. Pouco se fala em estudar as fases humanas de uma forma mais extensiva, transdisciplinar, em ampliar as possibilidades de leitura das redes de sentido que os outros jovens, deste e de outros tempos, tecem sobre o próprio viver.

Talvez a partir desses múltiplos focos seja possível entrever que o tema da sexualidade – tão caro aos adolescentes – não se reduz a uma compreensão biológica das transformações corporais e tampouco às leituras estereotipadas que as mídias apresentam.

O AUTOR

CLAUDEMIR BELINTANE é lingüista e educador, professor de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

PARA CONHECER MAIS

Metáforas da memória: uma história das idéias sobre a mente. D. Draaisma. Edusc, 2005.

Os sentidos da paixão. S. Cardoso e outros. Companhia das Letras, 1987.

Corpo e sentido. I. Assis Silva (org). Edusp, 1996.

Mal-estar na civilização. S. Freud. Imago, 1997.

BOXE 2 UMA QUESTÃO FILOSÓFICA

A filosofia pode ajudar o adolescente a entender melhor a sua realidade, tornando-o mais crítico e menos suscetível aos modismos

“Por que a gente espirra?/ Por que as unhas crescem?/ Por que o sangue corre?/ Por que a gente morre? (...)” Nos versos da canção intitulada sabiamente *Oito anos*, a compositora Paula Toller explicita a curiosidade da criança perante o mundo. Ocorre que, em algum momento do desenvolvimento infantil, essa fase inquietante vai cedendo espaço a um momento de calma. Em muitos casos, os educadores diriam apatia. O que aconteceu com aquela criança, cujos olhos brilhavam a cada descoberta? Essa criança cresceu. Contudo, ainda não conquistou o “mundo adulto”.

Como o adolescente passa a compreender o que aprende nessa nova fase? O que lhe interessa? O que lhe é oferecido e cobrado? No caso do ensino médio, tudo começa a se voltar para o “deus” vestibular, onde o conhecimento adquire um caráter estritamente utilitário. Não é difícil perceber que, ao alcançar o mundo universitário, essa concepção não se dissipa. Pelo contrário, muitas vezes se agrava com a ênfase na especialização, na fragmentação do saber. Como interpretar o retorno da

filosofia (assim como da sociologia) enquanto disciplina obrigatória no currículo nacional do ensino médio, a partir da situação descrita?

Alguns educadores vêem essa medida com entusiasmo, atribuindo à filosofia uma função quase “redentora”; afinal, dizem: “Esses meninos não sabem pensar!”, “Não relacionam os fatos!”, “Não usam a lógica!”, “Teriam que ser mais críticos!” etc. Outros a acham meio supérflua, já que a disciplina “não é cobrada por todos os vestibulares”. Portanto, “é perda de tempo, perfumaria!” Em meio a essa discussão, seria prudente balizar as expectativas que são criadas a respeito da filosofia no processo de formação do adolescente, sem subestimar a contribuição que esta pode dar.

O adolescente, na atualidade, está imerso numa rede de complexas relações: o fascínio pelas novas tecnologias, em que uma avalanche de imagens e informações lhe chega a todo instante; o consumismo desenfreado, que o atinge como modelo de felicidade; o imediatismo no cotidiano, marcado pela superficialidade das relações; a banalização de problemas, que naturaliza situações e gera indiferença, entre outros. Ao mesmo tempo, está em busca da construção da própria identidade (numa sociedade que tem cada vez mais dificuldade de pensar a alteridade) e, como aconteceu ao longo de outras gerações, essa auto-afirmação se dá por meio da contestação das regras e das autoridades constituídas.

A filosofia, como disciplina escolar, talvez não seja capaz de solucionar a “trama”, mas pode ajudar o adolescente a olhar de outro modo essa realidade. Por exemplo, levá-lo a refletir sobre a natureza do conhecimento humano, diferenciando-o de simples informação; a questionar os critérios que movem as pessoas em suas escolhas cotidianas; a problematizar as buscas por um “sentido da vida”; a sentir estranhamento diante de situações cristalizadas, desestabilizando o “senso comum”. O potencial crítico da adolescência pode ser mais bem desenvolvido à medida que se aprende a desconstruir e reconstruir discursos, por meio do contato

com textos filosóficos, da percepção do sentido das palavras, dos encadeamentos de idéias, do vislumbrar a arquitetura do texto, da busca das significações etc. A filosofia contribui para uma reflexão a respeito da própria busca de identidade do adolescente, já que se compreende como algo inacabado, que realiza o próprio conhecimento enquanto auto-conhecimento; ao pensar a respeito de algo, pensa-se a si mesmo. Ou seja, oferece uma oportunidade única: a escuta de si.

Dessa forma, a filosofia tem algo a oferecer ao adolescente: a chance de reacender a chama da dúvida, da admiração e do espanto diante do mundo.

Por Sidnei Gomes Leal, professor de Filosofia e História do Colégio Giordano Bruno e da Rede Municipal de Ensino, em São Paulo.